

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 11, Marcos 6:7-44, Os 12, João Batista, Alimenta 5.000

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 11 sobre Marcos 6:7-44. Os 12, João Batista, Alimentam 5.000.

É bom estar de volta com vocês. Continuamos trabalhando no capítulo 6 de Marcos. Quando olhamos pela primeira vez para o capítulo 6, entramos nos primeiros seis versículos naquela rejeição que Jesus recebeu em casa e na ironia de ter tido esse espanto das multidões, essa aceitação. Tivemos essas grandes demonstrações de autoridade de ensino, de poder e milagres, de exorcismos e esse clamor crescente.

Então ele chega à sua cidade natal, e seus começos escassos se tornam motivos para rejeição e falta de fé ou confiança de que Jesus estava em posição única para fazer atos tão grandiosos. Nós olhamos para isso e sua ironia. Isso, de certa forma, é interessante.

Isso nos prepara para a próxima parte do capítulo 6. Na próxima parte do capítulo 6, temos outra ocasião, que é o que chamaríamos de sanduíche de Marken. Essa é aquela ideia em que uma história começa, e então no meio da narrativa dessa história vem uma nova história, e então a primeira história recomeça. O que temos aqui é o começo do capítulo 6 de Marcos, a última parte do versículo 6, essa discussão sobre a obra dos Doze e como os Doze são uma extensão e estão descendo em algum ministério fazendo coisas muito semelhantes ao que Jesus estava fazendo.

Vamos dar uma olhada nisso. Mas então, no meio disso, temos esse relato de João Batista e a decapitação de João Batista, uma interrupção muito abrupta nessa história. Então, depois do relato da decapitação de João Batista, os discípulos retornam.

O retorno dos discípulos prepara o cenário para a grande alimentação dos 5.000. Ao olharmos para esses primeiros versículos e o trabalho dos Doze e a discussão dos discípulos, tenha em mente que isso está em consonância com o que acontecerá em relação a João Batista. Eu me pergunto se, para algum respeito, a razão pela qual Marcos faz esse grande flashback da decapitação de João Batista, de seu martírio, é por causa da maneira como isso funciona em conjunto com a ideia de discipulado.

À medida que os Doze estão sendo comissionados e enviados, há esse componente do discipulado que não pode ser perdido no Evangelho de Marcos, que é a ideia de sofrimento e sofrimento pela fé, a ideia de tomar sua cruz como um modelo de discipulado. Claro, isso está no contexto de levar às próprias declarações de Jesus no capítulo 8 de que o Filho do Homem deve sofrer. Com isso em mente, vamos olhar

para o trabalho dos Doze como esta seção começa, começando com o meio do versículo 6. A primeira parte do versículo 6 começa com o final do relato de como Jesus, como a maioria dos profetas, foi mantido sem honra em sua cidade natal.

Jesus andou ensinando de aldeia em aldeia. Chamando os Doze para si, enviou-os dois a dois e deu-lhes autoridade sobre os espíritos malignos. Estas foram as suas instruções.

Não levem nada para o caminho, exceto um cajado, nem pão, nem sacola, nem dinheiro nos cintos. Usem sandálias, mas não uma túnica extra. Sempre que entrarem em uma casa, fiquem ali até saírem daquela cidade.

E se algum lugar não vos receber nem vos ouvir, sacudi o pó dos vossos pés quando saírem, como testemunho contra eles. Eles saíram e pregaram que as pessoas deveriam se arrepender. Eles expulsaram muitos demônios e ungiram muitos enfermos com óleo e os curaram.

Então, temos um conjunto de instruções aqui. Jesus tem andado de cidade em cidade, o que sabemos que era seu propósito. Ele nunca ficava em um lugar por muito tempo, mas continuava a se mover.

E então ele envia os Doze. Agora, no chamado dos Doze, você se lembra mais cedo no Evangelho de Marcos, o primeiro conjunto de instruções que ele deu a eles foi simplesmente acompanhá-lo, observá-lo, ver o que ele está fazendo. E agora temos o segundo conjunto de instruções onde eles vão sair sem ele.

Ele vai enviá-los, e eles vão fazer as mesmas coisas que Jesus estava fazendo. Um, eles vão ensinar. Nós vemos isso.

Diz que eles saíram e pregaram que as pessoas deveriam se arrepender. Isso está em consonância com o que Jesus estava pregando. O tema geral da pregação de Jesus é arrepender-se; o reino de Deus se aproximou.

Então, eles estão dando a mesma mensagem. Eles estão falando sobre o que Jesus está discutindo. Eles estão unguindo pessoas com óleo e curando os doentes.

Em outras palavras, eles estão fazendo esses milagres de cura que o próprio Jesus estava fazendo. E também diz que eles receberam autoridade sobre espíritos malignos. E essa autoridade é essa ideia da autoridade de Jesus agora pertencendo aos Doze para expulsar espíritos malignos.

Esses têm sido os três temas principais que temos visto: exercer demônios, autoridade sobre demônios, autoridade sobre doenças e autoridade no ensino.

Então, os Doze aqui são realmente uma extensão do que o ministério de Jesus tem sido até agora. E está muito claro como Marcos está moldando isso.

É interessante que ele os envie dois a dois; pode haver alguma razão para isso. Uma é que não é tão seguro ir sozinho. Mas os dois a dois provavelmente, eu acho, refletem essa ideia de injunção do Antigo Testamento da necessidade de duas testemunhas para confirmar algo.

E então aqui eles estão saindo com essas duas pessoas que podem confirmar a legitimidade do que ocorreu e também do que está ocorrendo. Então, quando eles relatam o que ocorreu, eles também estão relatando com a verificação das duas testemunhas. A injunção é não levar nada com eles, exceto um cajado, nenhum pão, nenhuma bolsa, nenhum dinheiro em seus cintos, sandálias estão bem, não uma túnica extra.

Alguns pensaram que essa instrução se assemelha a uma ideia de mendigo cínico, a bolsa do mendigo, se preferir. Mais provavelmente, isso tem uma consideração de um ato simbólico na forma como Elias, pensamos em Elias e o que ele tinha, ou mesmo João Batista, há esse traje simples, há essa provisão básica, e isso transmite uma dependência de Deus. Isso transmite que eles não estão saindo já com seu apoio financeiro no lugar, mas que há uma dependência de Deus, o que realmente é um motivo se você voltar ao deserto, dos israelitas tendo que transmitir dependência de Deus, eles estavam vagando no deserto.

E eu acho que também há essa apresentação de que eles não estão chegando a uma cidade com vestígios de honra que podem ser associados a status ou riqueza, que o valor que eles trazem está em sua mensagem e em seu ministério, não em suas posses. O comentário sobre onde eles devem ficar se um lugar os acolhe para ficar lá e não para ir para outros lugares, eu acho que tem a ideia de, um, dar valor àqueles que os acolhem primeiro em sua mensagem, e não buscar melhorar, se você quiser, não buscar, como outras pessoas estão aceitando, se houver um anfitrião que diga, ei, por que você não vem ficar comigo? Eu tenho uma vila que é um pouco mais legal, que eles não buscam oportunidade para ganho em honra, para ganho em status, para ganho em riqueza, buscando pessoas que podem ser mais receptivas mais tarde, mas não inicialmente. Ela está localizada dentro dessas primeiras recepções, e dá alto valor à importância da hospitalidade.

Na cultura antiga, a hospitalidade era extremamente importante, e ainda é na maioria das partes do mundo, e sua permanência ali dá valor a essa virtude. Há algo importante sobre a recepção daqueles que carregam a mensagem. E, de fato, o que fortalece isso é que vemos que há o lado oposto.

Há um motivo de julgamento aqui também. Quando Jesus os instrui que se algum lugar não os acolher ou ouvir, sacudam a poeira dos pés quando eles saírem como

um testemunho contra eles. Não era incomum que quando aqueles que estavam vivendo na diáspora e estavam retornando para a Terra Santa ou tinham visitado ou estavam voltando, cruzavam para a Terra Santa sacudissem a poeira das roupas das terras estrangeiras.

Há um movimento simbólico de que isso não faz parte de mim, isso não é bem-vindo, eu não quero carregar isso. Mas ainda mais, essa ideia de sacudir o pó, eu acho, tem uma linguagem de julgamento com ela. Que há uma declaração sendo feita de separação.

Se um lugar não os acolhe, então eles não terão nada a ver com aquele lugar. Há uma sugestão disso ali, que é consistente com o que vimos com o próprio ministério de Jesus. Que há tanto acolhimento quanto salvação, mas também há rejeição no lugar.

E Jesus também espera rejeição. Ao dar instruções sobre o que fazer quando um lugar não é bem-vindo, há uma expectativa de que sair e fazer o ministério de Jesus terá uma resposta semelhante à que Jesus tem, que é alguns aceitarão e você os honrará, e alguns rejeitarão e você dispensará. Agora, conforme estamos nesse processo, no entanto, recebemos de repente essa inserção de um relato completamente diferente.

Com o versículo 14, voltamos no tempo para a morte de João Batista nos versículos 14 a 29. Sabemos que isso é um flashback, sabemos que isso não é concomitante, sabemos disso de 1:14, quando o capítulo 1 versículo 14 fala sobre como o ministério de Jesus começou após a prisão de João. Então, isso não é concomitante.

Aliás, este é o único episódio no Evangelho de Marcos que não diz respeito diretamente a Jesus, o que também lhe dá uma sensação de estresse ou destaque. Há algo sobre o sofrimento de João Batista, e há algo sobre o martírio de João Batista que é importante para Marcos na narrativa da história de quem Jesus é. E quando pensamos em João Batista, mesmo como o precursor de Jesus, uma das coisas que notamos é que ele não foi apenas o precursor em termos de proclamar o arrependimento, o reino de Deus está próximo, de preparar o caminho para Jesus, mas também há uma sensação de que há uma identidade que eles compartilham em sua prisão e em sua morte.

Há um contraste, é claro, que está sendo feito aqui também entre Jesus e o que o rei de Jesus parecia e com o que a farsa dos parentes de Herodes e seu governo parece. Quero olhar através deste episódio de decapitação e então discuti-lo. Então, o rei Herodes ouviu sobre isso, pois Jesus havia se tornado bem conhecido.

Alguns diziam que João Batista havia ressuscitado dos mortos, e é por isso que poderes milagrosos estão operando nele. Outros diziam que ele era Elias, e outros

ainda alegavam que ele era um profeta, como um dos profetas de antigamente. Mas quando Herodes ouviu isso, ele disse: João, o homem que eu decapitei, ressuscitou dos mortos? Pois o próprio Herodes havia dado ordens para prender João, e ele o havia amarrado e jogado na prisão.

Agora, antes de continuarmos falando sobre o relato de João Batista, quero abordar um pouco do que está ocorrendo aqui neste primeiro conjunto de versículos. Então, Herodes aqui ouviu sobre o que Jesus está fazendo, e as multidões estão dizendo, alguns estão dizendo que este é João Batista ressuscitado dos mortos, e é por isso que poderes milagrosos estão operando nele, e outros estão dizendo que ele é Elias. Agora, o que é interessante nisso é que veremos, e outros dizem, um dos profetas, veremos essa resposta surgir mais tarde.

Quando chegamos a Marcos capítulo 8, Jesus faz a pergunta aos discípulos, quem as pessoas dizem que eu sou, vai ser muito parecido com o que temos aqui. O que isso significa é que há essa explicação coalescente de por que Jesus é capaz de falar como ele fala, por que ele é capaz de fazer as maravilhas que ele pode fazer, e eles estão tentando encontrar categorias e caixas para colocá-lo, um sendo João Batista, o outro sendo Elias, ou um dos profetas. E eu acho que conforme pegamos o sentido disso, quero dizer, há essa questão aqui, onde Herodes, deveria ser Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, ele estava sobre a região da Galileia e Pereia, que temos essa ideia, ou essa questão de, como é possível que as pessoas estejam dizendo que este é João Batista quando João Batista e Jesus teriam sido vistos simultaneamente, pelo menos alguns teriam conhecimento de que João Batista até apontou para Jesus e falou sobre como ele era indigno, que ele era o único.

E, claro, o batismo de Jesus também teria sido conhecido por pelo menos alguns neste ponto. E em outras palavras, haveria pessoas que teriam visto Clark Kent e Superman ao mesmo tempo. A ideia é que esta não é uma pessoa agora fingindo ser a outra; eles teriam sido vistos juntos.

Eu me pergunto se o sentido disso se conecta com esse Elias, e se os tons de Elias estão sempre presentes com João Batista, sempre presentes. Mesmo sua história de martírio aqui, há similaridades entre isso e o conflito de Elias com Acabe e Jezabel. Quero dizer, há conexões a serem traçadas.

Mas eu me pergunto se a história de Elias também não nos ajuda a entender como é que as pessoas estão pensando que Jesus é João Batista, ou Jesus é até mesmo Elias, ou até mesmo um dos profetas. E parte dessa resposta não é que eles consideram isso uma reencarnação, se você preferir. Há alguns elementos disso.

Quero dizer, obviamente, Herodes, Antipas aqui, está pensando, bem, espere um minuto. Como pode ser João Batista, ou este é João Batista? Mas eu me pergunto se olhando para isto, esta não é a ideia do espírito de João Batista, ou o espírito de

Elias, ou o espírito de um dos profetas, da mesma forma que quando você pensa na história de Elias-Eliseu, há o manto que Elias então dá a Eliseu, e então ouvimos o relato com Eliseu que Eliseu tem o poder de Elias, tem o espírito de Elias, é o, o que estava associado com a presença de Elias, agora está associado com a presença de Eliseu, de uma forma que os une. E então, isto pode ser um pouco do que eu me pergunto está em ação aqui nestas respostas, ao invés de simplesmente apenas uma compreensão de que alguém que está morto voltou.

Acho que há alguns pensamentos a considerar aí. Então, Herodes, Antipas aqui, está ouvindo sobre esse Jesus e as explicações de quem ele é. E quando Herodes ouviu isso, pegando o versículo 16, ele disse, João, o homem que eu decapitei, ressuscitou dos mortos.

Pois o próprio Herodes tinha dado ordens para que João fosse preso, e ele o amarrou e colocou na prisão. Ele fez isso por causa de Herodias, a esposa de seu irmão Filipe, com quem ele havia se casado. Pois João estava dizendo a Herodes: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.

Então, Herodias nutria rancor contra João e queria matá-lo, mas não conseguiu porque Herodes temia João e o protegia, sabendo que ele era um homem justo e santo. Quando Herodes ouviu João, ficou muito intrigado, mas gostou de ouvi-lo. Então, estabelecendo esse ponto de vista do que está acontecendo, aqui está essa intriga política.

No meio dessa intriga, você tem Herodes Antipas, que agora é casado com Herodias, que era a esposa de seu irmão Filipe. E João Batista está falando contra isso. Quando ele diz que não é lícito, ele está falando sobre isso não ser lícito dentro da lei.

Isso não é lícito. Esse casamento não é santo e não é justo. Vamos encontrar um pouco mais adiante no Evangelho de Marcos essa questão, em Marcos capítulo 10, se é lícito ao homem se divorciar de sua esposa. Essa questão vai voltar à tona, e, incidentalmente, vai voltar à tona na mesma área onde toda essa controvérsia está acontecendo, indicando que parte da motivação para essa questão é provavelmente menos qual é sua opinião, mas talvez mais preparar Jesus para talvez receber o mesmo resultado que aconteceu quando João Batista estava fazendo declarações semelhantes. Mas chegaremos a isso.

Então, tem isso, João Batista é um crítico muito aberto. Ele estava, Herodes estava fazendo o que era proibido no Antigo Testamento. Agora Herodias já está, a esposa, já está contra João e quer matá-lo.

Então, sua motivação é clara. No entanto, Herodes não obedece por dois motivos. Um, ele reconhece a natureza santa e justa de João Batista.

Ele reconhece que o que João está fazendo parece estar de acordo com o projeto de Deus, e há uma hesitação em matar alguém que está de acordo com o projeto de Deus. É interessante quando pensamos que teremos uma hesitação mais tarde, é claro, na história de Jesus e sua crucificação por Pilatos para fazer algo semelhante. Mas ele também não quer fazer isso porque gosta de ouvir João, mesmo que não o entenda.

Acho que é uma imagem fascinante, que havia algo na pregação de João que atraiu Herodes, mas ele não entendeu. Ele tinha uma noção suficiente para saber que João era justo e santo, mas ficou intrigado com o que ele tinha a dizer sobre o reino de Deus se aproximando, sobre arrependimento e talvez até mesmo sobre aquele que está por vir. É difícil não ver uma conexão entre Herodes aqui e as multidões, que estão confusas e maravilhadas ao mesmo tempo.

Eles ficam surpresos com o que Jesus está fazendo. Eles se maravilham com seus ensinamentos, mas não há um entendimento completo. Mas também os discípulos.

Veremos em apenas um capítulo ou mais onde Jesus anda sobre as águas, e eles são ditos estarem surpresos e perplexos e até endurecidos, o que chegaremos. Então, essa figura, em outras palavras, de Herodes, que está prestes a fazer esse ato horrível com João Batista, há algum senso de entendimento de que sua reação a João Batista não é diferente das reações que vemos a Jesus. E mesmo se pensarmos nos fariseus e herodianos, se você se lembrar do homem com a mão mirrada onde ele foi curado, os fariseus e os herodianos se alinharam para matar Jesus.

O desejo deles era matar Jesus. Há uma sensação aqui de que até mesmo Herodes Antipas, que está ouvindo João Batista, mas reconhecendo algo parcialmente, por um lado, mas não o suficiente para representá-lo, que há essas outras figuras que estão associadas a ele e seu poder que estarão fazendo algo ainda semelhante, se não pior, que é tentar matar Jesus. Então, pegamos a controvérsia entre Herodias e Herodes.

Herodias o quer morto, e Herodes está dizendo não. Então, neste ponto, a única razão pela qual João Batista não foi morto é por causa de Herodes, por causa do gosto de Herodes em ouvi-lo. Finalmente, o momento oportuno chegou no versículo 21.

No seu aniversário, Herodes deu um banquete para seus altos oficiais e comandantes militares, e homens importantes da Galileia. Quando a filha de Herodias entrou e dançou, ela agradou a Herodes e seus convidados do jantar. O rei disse à menina, peça-me o que quiser e eu lhe darei.

E ele prometeu a ela com um juramento. O que você pedir, eu lhe darei até metade do meu reino. Ela saiu e perguntou à mãe o que ela deveria pedir. A cabeça de João Batista, ela respondeu.

Imediatamente a moça correu até o rei com o pedido, quero que você me dê agora mesmo a cabeça de João Batista em uma bandeja. O rei ficou muito angustiado. Mas por causa de seu juramento e de seus convidados para o jantar, ele não quis recusá-la.

Então, ele imediatamente enviou um carrasco com ordens para trazer a cabeça de John. O homem foi, decapitou John na prisão e trouxe sua cabeça de volta em uma bandeja. Ele a apresentou à menina, e ela a deu à sua mãe.

Ao ouvir isso, os discípulos de João vieram, pegaram seu corpo e o colocaram em um túmulo. É uma imagem muito horrível. Muito horrível.

João Batista estava protestando contra esse casamento incestuoso ou esse casamento ilegal, e aqui temos essa imagem de um banquete. Está cheio de pessoas que ele teria honrado. Essas não são pessoas simples.

Essas são pessoas com status. E lá está sua enteada dançando. E eu acho que a inclinação aqui é uma dança que fosse agradável, que houvesse um fascínio, uma qualidade atraente, luxuriosa também.

E em apreciação desta dança, como um todo, e a apreciação de todos, ele faz esta promessa selvagem com um juramento na frente de todos. E então, temos isto, como é um banquete sob o Rei Herodes. Há dança, há conotações sexuais, há bebida, há uma preocupação de honrar uns aos outros em status, há manipulação, há oportunidade de obter, agora Herodes tem a oportunidade de obter a cabeça de João Batista, há medo da desaprovação humana.

Então, embora a consciência de Herodes fosse manter João vivo, seu medo do que as multidões poderiam dizer, do que aqueles diante dos quais ele havia feito um juramento, superou esse reconhecimento parcial, pelo menos, de que João Batista era justo e santo. E esse desejo de agradar o desígnio humano leva não apenas à execução de João Batista, mas à apresentação da cabeça de João em uma bandeja, que Herodias recebe como prêmio de sua filha. É difícil não pensar que João não pretende que vejamos, em algum nível, um prenúncio da morte de Jesus aqui, e a preocupação da opinião pública, a preocupação dos desígnios humanos, a maneira ignominiosa com que uma morte é feita e apresentada.

Lembre-se de que Marcos inseriu esta história. Ele inseriu esta história em dois relatos. O relato do envio dos doze, que não tinham nada, mas saíram e estavam buscando hospitalidade.

Ele é inserido naquele relato e na conclusão daquela primeira história, que tem a alimentação dos cinco mil quando os discípulos retornam. Você tem um banquete cheio de desordem, cheio de devassidão, cheio de pecado, assassinato, mentira, manipulação e assim por diante, oferecido pelo rei Antipas. E estamos prestes a ter um banquete oferecido por Jesus que é ordeiro, que é completo, abundante e generoso, e aponta para quem Jesus é.

Acho que Marcos quer intencionalmente que vejamos esses dois momentos juntos, e é por isso que ele insere a história da cabeça de João Batista aqui. Então, pegamos então, depois da história de João Batista, pegamos então com o versículo 30, onde os apóstolos se reuniram em volta de Jesus e relataram a ele tudo o que tinham feito e ensinado. Então, ele os enviou, versículos 6, final de 6 a 13, e aqui então em 30, pegamos essa história, com eles retornando, os apóstolos se reuniram em volta dele.

Curiosamente, esta é a única vez que Marcos usa o termo apóstolo em seu evangelho. E então aqui você pode ver que apóstolos já está sendo associado aos doze, essa ideia, e então há essa conexão que está sendo feita. Apóstolo pode significar enviados, embaixadores, o que também se encaixa no contexto, eles foram enviados a Jesus.

E então, ele relatou a ele tudo o que eles tinham feito e ensinado. Então, como muitas pessoas estavam indo e vindo, eles nem tiveram a chance de comer. Esta não é uma ocorrência incomum no Evangelho de Marcos.

Lembre-se de que as multidões têm uma função principal, além de ficarem espantadas, elas atrapalham as coisas. E aqui estão elas, impedindo até mesmo uma chance de comer. E ele disse a elas: Venham comigo, à parte, para um lugar deserto, um lugar tranquilo, e descansem um pouco.

Então, eles foram embora sozinhos em um barco para um lugar solitário. Curiosamente, esse é exatamente o mesmo tipo de atividade que Jesus faz; depois de ministrar pesadamente, ele gosta de se retirar. Vimos isso até naquele primeiro dia em Cafarnaum, onde ele foi para um lugar remoto para orar depois de ter curado e exercitado demônios o dia todo.

Que ele gosta de ir para um lugar remoto. Há uma importância de recarregar. E Jesus reconhece que os discípulos têm feito o mesmo ministério que ele tem feito.

Os resultados têm sido muito semelhantes a muitas dessas multidões indo, e elas precisam de descanso. E então, há um movimento muito compassivo de Jesus aqui para levá-las a um lugar deserto para descansar. Agora, temos um interessante ciclo de eventos que está prestes a se formar.

Teremos um milagre de alimentação, seguido por uma viagem pelo lago, e então um milagre de cura. Então, teremos esse momento de alimentação da cura dos 5.000 que dá início a esse ciclo em particular. Logo depois disso, teremos um segundo ciclo em particular que é iniciado pela alimentação dos 4.000.

Ambos farão uma viagem através do lago, e ambos terão um milagre de cura. Haverá milagres diferentes, mas ambos terão isso. Ambos envolverão uma disputa também com os fariseus.

Em outras palavras, acho que Marcus configurou isso para que esses dois ciclos sejam recebidos de forma similar. Que há uma interpretação mútua acontecendo. Os detalhes são diferentes o suficiente para que eu não pense que esses são os mesmos eventos sendo contados de duas maneiras diferentes ou sendo recebidos de duas maneiras diferentes porque os números são distintos.

Uma das coisas que sabemos sobre a tradição oral é que os números eram um detalhe que frequentemente não mudava. Esse número era uma das âncoras em formas que seriam transmitidas oralmente. E então o fato de termos esses números diferentes, um deles é que indicaria que esses são relatos diferentes, eventos diferentes, mesmo que haja alguma similaridade.

Acho que Mark pretende que vejamos algumas dessas similaridades. Então, eles voltaram e queriam ir para esse lugar remoto. Também poderia traduzir isso como deserto.

Talvez haja um eco aqui. Estamos prestes a ter uma alimentação milagrosa em um lugar remoto. Alimentação milagrosa em um deserto.

Talvez seja a ideia do êxodo do maná do céu. Falaremos um pouco mais sobre isso. Mas as multidões correm na frente deles.

Então, eles vão para este lugar remoto. Venham comigo sozinhos para um lugar tranquilo e descansem um pouco. Então, no versículo 33, muitos que os viram saindo os reconheceram e correram a pé de todas as cidades para chegar lá antes deles.

Então deve ter havido alguma ideia de que eles sabiam para onde estavam indo. E mesmo que diga que eles entraram em um barco, a ideia aqui é que eles devem ter ido pela costa onde as multidões seriam capazes de correr na frente, não cruzando. E então as multidões correm na frente.

E quando Jesus desembarcou e viu uma grande multidão, ele teve compaixão deles. E eu acho que é muito importante que ele tivesse compaixão deles porque eles eram como ovelhas sem pastor.

Então, ele começou a ensinar-lhes muitas coisas. Acho que a ideia de ovelhas sem pastor é importante aqui. A ideia de um pastor como metáfora para um governante, guia, líder religioso ou mesmo Deus não é incomum no Antigo Testamento e não é incomum no judaísmo do Segundo Templo.

Por exemplo, em Números 27, Moisés, quando fala por Josué, recomendando-o, deseja que Josué lidere para que Israel não seja como ovelhas sem pastor. Ezequiel 34 fala de uma época em que o povo foi espalhado e devorado por animais. Eles serão como um povo sem pastor.

Não podemos deixar de pensar nos Salmos nesta consideração, onde Deus é um pastor, pensando nos Salmos 23 ou 80. Vemos Isaías 40. O Messias virá de Davi e será um pastor em Jeremias 23, Miqueias 5 e Zacarias 13.

Então, Cristo não tem apenas compaixão pelo estado de fome deles. Ele reconhece que aqui está o povo judeu sem um pastor, sem nenhum líder real. Eles estão sem pastor .

E a resposta para isso não é a alimentação. A resposta para isso é o Seu ensino. Ele teve compaixão deles porque eram ovelhas sem pastor, o que provavelmente também fala do fato de que eles estavam tão correndo para Ele que finalmente tiveram algum tipo de senso de atração com Sua autoridade de ensino.

Então, Sua compaixão O motiva a começar a ensinar muitas coisas. Claro, esse ensinamento diz que quando já era tarde no dia, quando já era tarde no dia, então Seus discípulos vieram até Ele. Eu acho que a ideia também é a duração do ensinamento, não apenas a duração do dia.

E eles dizem, este é um lugar remoto, e já é muito tarde. Mande as pessoas embora para que possam ir para o campo e aldeias ao redor e comprar algo para comer. Agora, precisamos ser claros: os discípulos não estão sendo duros de coração aqui.

Eles estão realmente interrompendo o ensino de Jesus para chamar a atenção para o fato de que essas pessoas estão com fome e precisam comer, e antes que seja tarde demais, você precisa dispensar a multidão para que eles possam ir a lugares e serem capazes de comprar comida e serem capazes de se alimentar. Não há nada neste cenário que indique que os discípulos neste momento são de alguma forma densos. Eles estão reconhecendo a necessidade.

Então o que Jesus diz, Ele afirma que há essa necessidade. Ele diz que vocês deem algo para eles comerem. Agora, tenha em mente, isso é no contexto de que eles têm feito coisas incríveis, curas, exorcismos, ensinamentos.

Está no contexto desse retorno. Ele diz, você dá a eles algo para comer, e a resposta deles é basicamente, não temos esse tipo de dinheiro. Não é, você sabe, alimentá-los com o que você tem.

Eles entendem que Jesus está dizendo, vocês vão às cidades. Eu não vou dispensar a multidão. Vocês vão às cidades, e vocês pegam a comida necessária.

E a resposta deles é que, em essência, isso levaria, na minha tradução, oito meses do salário de um homem. Vamos gastar tanto em pão e dar a eles para comer? E então, eles são incapazes de pensar em qualquer outra possibilidade de alimentação. A resposta de Jesus, é claro, é muito pragmática.

Diga-me o que temos. Quantos pães vocês têm? E ele perguntou, vão e vejam. Quando descobriram, ele disse, cinco e dois peixes.

Interessante sobre os cinco e dois peixes. Há muito debate sobre se há imagens simbólicas nesse número. Os cinco representam os cinco livros de Moisés? Os dois representam as duas tábuas? É sempre difícil dizer.

Minha sensação aqui é que provavelmente era isso que eles tinham, que eram cinco pães e dois peixes. Então, é um pouco menos provável que eu veja imagens simbólicas nessa quantidade, embora esse evento em si seja cheio de simbolismo. Então, Jesus ordenou que todas as pessoas se sentassem em grupos na grama verde.

Mais uma vez, isso é ordenado. Ele até se senta em grupos de centenas e cinquenta. E nessa ordenação das coisas, você se pergunta, também, se não há nem aqui essa ideia se há imagens de Moisés, estamos no deserto, estamos prestes a ter uma alimentação milagrosa, vamos ter o número 12 representado, estamos falando de ovelhas sem pastor, que é o relacionamento de Israel e Deus, ou o relacionamento de Israel e rei governante.

Mesmo que esse relato ordenado não traga à mente a organização de Israel por Deus em grupos quando eles estavam chegando à terra prometida. Talvez. Eu acho que a imagem da grama verde aqui é muito interessante.

É um nível de detalhe. Diz que ele os instruiu a fazer com que todas as pessoas se sentassem em grupos na grama verde. Bem, talvez seja apenas memória histórica.

Ou talvez haja uma conexão que Marcos esteja querendo que façamos com o Salmo 23 também. Ele me faz deitar em pastos verdes. Que esse pastoreio, o Senhor é minha ideia de pastor, então conectado com grama verde, pastos verdes, que Marcos está querendo dizer, olhe, isso não é apenas uma alimentação.

Há uma imagem do Senhor provendo. Que há uma imagem de um banquete messiânico. Havia isto: quando se pensava no tempo do Messias e na chegada escatológica da salvação, era frequentemente em forma de banquete.

E aqui temos assentos em ordem. Isso não é como o banquete de Herodes, seu banquete de aniversário. Isso é diferente.

Há assentos ordenados, e é em um pasto verde cheio de imagens de pastoreio. Então Jesus pega esses cinco pães e esses dois peixes, e todos são alimentados.

E todos são alimentados até a saciedade. E há até mesmo cestas que são trazidas. O excedente de comida, eu acho, não é diferente da alimentação de 100 por Eliseu com os 20 pães de cevada.

Fascinante aqui é essa ideia então, e vou terminar aqui, é essa ideia de quem realmente viu esse milagre. Acho que essa é uma das perguntas que fazemos. E se estou lendo Marcos corretamente, os únicos que viram esse milagre, essa alimentação dos 5.000, é claro, o número aqui nós teríamos nos referido apenas aos homens.

Então provavelmente haveria algumas mulheres e crianças, então o número é realmente maior. As 12 cestas, talvez, mais uma vez, restauraram a imagem de Israel envolvida. Cada discípulo tem uma cesta.

Mas não há relato de espanto ou admiração das multidões. E acho que é importante notar isso. Em Marcos, sempre que algo milagroso acontece às multidões, ele é rápido em nos dizer que elas ficaram maravilhadas.

Não há relato de espanto aqui, o que eu acho que empresta à ideia de que somente os discípulos percebem Jesus no deserto. Cinco pães e dois peixes se tornaram o suficiente para alimentar a todos. Portanto, torna-se uma armação. Esta história configura o que veremos a seguir, que é o relato milagroso de Jesus andando sobre as águas.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 11 sobre Marcos 6:7-44. Os 12, João Batista, Alimentam 5.000.